

Escuta sensível na mediação docente no 1º ano do Ensino Fundamental no contexto do PIBID

LUIZA PEREIRA SOUZA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil

202320135@uesb.edu.br

CAMILA OLIVEIRA DOS SANTOS

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil

202320126@uesb.edu.br

LARISSA MONIQUE DE SOUZA ALMEIDA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil

larissa.almeida@uesb.edu.br

Este relato apresenta experiências de uma vivência formativa no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realizada na Escola Municipal Vilma Brito Sarmento, em Jequié/BA, entre março e junho de 2025. As estratégias de mediação na relação docente tiveram como foco a escuta sensível no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. A partir do embasamento teórico em Carl Rogers (1983), compreendemos que a escuta ativa permite que o outro se sinta compreendido, fortalecendo a confiança, o autoconhecimento e o crescimento pessoal. Na educação, a escuta ativa implica criar um ambiente em que todos se sintam ouvidos e valorizados, promovendo diálogo aberto, aprendizagem e desenvolvimento. Fundamentados também nos pressupostos de Freire (1996) e Vygotsky (2001), que defendem a educação dialógica, o afeto e a mediação social como elementos centrais do processo formativo, as reflexões foram sendo tecidas. Por meio de observações sistemáticas, entrevistas com a equipe escolar, registros reflexivos e diagnósticos de leitura, escrita e matemática, investigou-se como esta escuta ativa contribui para vínculos, respeito mútuo e melhor desempenho escolar. Para registrar as falas das crianças, optou-se por narrativas do cotidiano (Silva, 2024). Identificamos que, diante de um contexto de vulnerabilidade social, essa prática promove acolhimento, pertencimento e confiança entre alunos e professores. A atuação das bolsistas mostrou a importância da escuta como fundamento ético, político e metodológico da prática educativa. Ouvir uma criança é estar atento a cada detalhe, fala e sentimento, para que a narrativa reflita integralmente sua vivência. Conclui-se que a escuta sensível, mais que uma habilidade, é uma postura profissional indispensável para uma docência humanizada, crítica e transformadora.

Palavras-chave: Escuta sensível, mediação docente, ensino fundamental, PIBID, formação inicial.



INTRODUÇÃO

A escuta ativa, ou escuta sensível, transcende o simples ato de ouvir palavras; ela envolve a percepção atenta de sentimentos, intenções e necessidades implícitas na fala do interlocutor. Conforme Rogers (1983), essa postura favorece a compreensão genuína, promove a confiança e cria condições para o desenvolvimento pessoal e social do sujeito. No contexto escolar, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a escuta sensível assume caráter ainda mais relevante, pois contribui para a construção de vínculos afetivos entre professor e aluno, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança.

No campo educacional, a escuta sensível se alinha aos princípios da pedagogia freireana, que valoriza o diálogo, a autonomia e a construção compartilhada do conhecimento (Freire, 1996). Da mesma forma, a perspectiva de Vygotsky (2001) reforça a importância das interações sociais como mediadoras do aprendizado, destacando que o processo de ensino-aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas sim dentro de um contexto relacional e culturalmente significativo. Assim, a escuta sensível emerge como um instrumento pedagógico capaz de criar espaços de escuta, respeito e acolhimento, essenciais para a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas próprias capacidades.

Este relato tem origem na vivência formativa desenvolvida no âmbito do PIBID – Subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – na Escola Municipal Vilma Brito Sarmento, em Jequié/BA, com turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, entre março e junho de 2025. A escolha do tema decorre da necessidade de repensar práticas educativas em contextos de vulnerabilidade social, onde a escuta sensível se apresenta como um recurso ético, político e pedagógico para valorização da infância.

Durante o período de atuação, observou-se que a escuta sensível não apenas facilitou a compreensão das demandas individuais das crianças, mas também contribuiu para a criação de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e participativo. As crianças, antes tímidas e reservadas, gradualmente passaram a se expressar com maior confiança, compartilhar experiências e interagir de maneira colaborativa com colegas e educadores. Esse processo evidencia que a escuta sensível, quando incorporada à prática docente, fortalece vínculos, promove o respeito mútuo e potencializa o desempenho escolar, ao mesmo tempo em que valoriza a singularidade de cada criança.

Dessa forma, a escuta sensível se apresenta como uma ferramenta indispensável para a mediação docente nos anos iniciais, permitindo que a educação seja vivida de maneira mais humanizada, inclusiva e significativa, contribuindo para a formação integral do sujeito e para a consolidação de uma prática pedagógica crítica e reflexiva, em consonância com as diretrizes propostas pelo PIBID e pela literatura educacional contemporânea.



METODOLOGIA

Este relato de experiência insere-se no campo da pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, por buscar compreender os significados das interações em sala de aula a partir da escuta ativa. A abordagem qualitativa permitiu aprofundar a compreensão dos processos de mediação docente, considerando não apenas o que era observado, mas também as percepções, sentimentos e interpretações das crianças, professoras e demais participantes do contexto escolar. O trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Vilma Brito Sarmento, em Jequié/BA, no período de março a junho de 2025, no contexto do PIBID – Subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, em diferentes momentos do cotidiano escolar, incluindo aulas de leitura, escrita, matemática e atividades lúdicas. Para a coleta de dados, foram utilizados múltiplos instrumentos, visando garantir a riqueza e diversidade das informações, entre eles observações sistemáticas, realizadas em diferentes horários e atividades, registrando comportamentos, interações e respostas das crianças; entrevistas informais com docentes e equipe gestora, que possibilitaram compreender a perspectiva dos educadores sobre as práticas de escuta e as estratégias pedagógicas utilizadas; diagnósticos aplicados aos alunos em leitura, escrita e matemática, com o objetivo de identificar progressos e dificuldades, integrando o aspecto acadêmico às observações comportamentais; registros reflexivos em diários de campo, elaborados pelas bolsistas, que permitiram documentar impressões, sentimentos e análises preliminares sobre os acontecimentos diários; e produção de narrativas do cotidiano, conforme Silva (2024), valorizando as falas das crianças e garantindo que seus pontos de vista fossem considerados, preservando a riqueza de sentidos de suas experiências. A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, por meio da triangulação das informações obtidas nos diferentes instrumentos, relacionando os registros às contribuições teóricas de Rogers (1983), Freire (1996) e Vygotsky (2001), permitindo compreender como a escuta ativa e sensível contribuiu para o fortalecimento de vínculos afetivos, para o desenvolvimento de autonomia e para aprendizagens significativas no contexto escolar. Do ponto de vista ético, todas as medidas foram adotadas para proteger a identidade das crianças, incluindo o uso de nomes fictícios e a garantia de anonimato, respeitando os princípios de proteção à infância e as diretrizes éticas para pesquisas em contextos escolares, assegurando que a participação dos alunos fosse voluntária e respeitosa.



REFERENCIAL TEÓRICO

A escuta sensível configura-se como elemento central na prática pedagógica, compreendida não apenas como o ato de ouvir, mas como uma postura ética e relacional que envolve empatia, autenticidade e aceitação incondicional do outro. Rogers (1983) enfatiza que a escuta exige presença plena e atenção genuína, possibilitando que o sujeito se expresse livremente, fortaleça vínculos de confiança e vivencie processos de aprendizagem significativos. Nessa perspectiva, ouvir transcende a simples recepção de informações, representando uma forma de reconhecer o outro em sua singularidade, condição essencial para o desenvolvimento integral do educando.

Freire (1996) complementa essa abordagem ao afirmar que ensinar é, necessariamente, escutar. Para o autor, reconhecer a historicidade do aluno e assegurar-lhe o direito à palavra constitui uma prática ética e política, que rompe com modelos tradicionais de transmissão de conhecimento e promove a construção de uma educação libertadora. O diálogo estabelecido a partir da escuta sensível não apenas valoriza o sujeito, mas contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua realidade social.

Vygotsky (2001) amplia a compreensão da escuta como prática pedagógica ao considerar a aprendizagem como fenômeno socialmente mediado. O professor, nesse contexto, atua como mediador, orientando o aluno a transitar do seu nível de desenvolvimento real para seu potencial de desenvolvimento. A escuta torna-se, assim, estratégica na mediação pedagógica, permitindo identificar necessidades, interesses e modos individuais de aprender, integrando-os ao processo coletivo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem evidencia que a escuta não é passiva, mas ativa e intencional, direcionada à compreensão do outro em sua totalidade.

Silva (2024) reforça a importância da escuta sensível na infância, destacando que ela é fundamental para compreender como cada criança percebe, interpreta e narra o mundo. A valorização das experiências individuais e das narrativas cotidianas possibilita à criança sentir-se reconhecida, fortalecendo sua autoestima e promovendo sua autonomia. Nesse sentido, a escuta sensível contribui não apenas para a aprendizagem acadêmica, mas para o desenvolvimento socioemocional, a expressão de sentimentos e a construção de vínculos afetivos seguros.

Além disso, autores contemporâneos da área da educação infantil, como Tardif (2014) e Gomes (2018), apontam que a escuta sensível é crucial para a construção de espaços pedagógicos inclusivos e participativos. Ao considerar a diversidade de ritmos, estilos de aprendizagem e contextos socioculturais, a escuta possibilita práticas educativas mais flexíveis, respeitando as singularidades de cada aluno. Dessa forma, ela atua como instrumento de equidade, contribuindo para a redução de desigualdades educacionais e promovendo o direito de todos à aprendizagem.



A escuta sensível, portanto, não se limita a um procedimento técnico ou formal, mas se configura como eixo estruturante do fazer pedagógico. Ao articular cuidado, diálogo, humanização e promoção de aprendizagens significativas, ela fortalece a prática docente e estabelece relações de respeito e acolhimento, elementos essenciais para o desenvolvimento integral do sujeito. Nesse sentido, investir na escuta dentro da escola representa não apenas aprimoramento pedagógico, mas um compromisso ético com a formação de indivíduos conscientes, críticos e capazes de interagir de forma significativa com o mundo que os cerca.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a vivência no PIBID, constatou-se que a escuta sensível promoveu transformações significativas nas interações entre professoras, bolsistas e alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente, as crianças apresentavam timidez, insegurança e pouca participação nas rodas de conversa, muitas vezes limitando-se a respostas curtas ou ao silêncio. À medida que o vínculo de confiança foi estabelecido, percebeu-se uma abertura crescente para expressar sentimentos, narrar experiências e compartilhar opiniões, consolidando a escuta como prática central para o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais.

A escuta sensível revelou-se uma ferramenta potente, permitindo compreender que, além do conteúdo curricular, existe um universo de experiências e emoções que requer reconhecimento e acolhimento. Escutar cada criança em sua singularidade possibilitou identificar aspectos importantes sobre sua relação com o aprendizado, o ambiente escolar e os colegas, tornando a intervenção pedagógica mais intencional e personalizada. Observou-se, ao longo do período, mudanças expressivas na forma como os alunos se comunicavam e interagem, tornando-se mais seguros, participativos e colaborativos.

As rodas de conversa, momentos de leitura compartilhada e atividades artísticas configuraram-se como espaços privilegiados de expressão e diálogo. Nessas oportunidades, as crianças puderam relatar sentimentos, comentar histórias e manifestar opiniões de forma criativa e livre. Um registro do diário de campo evidenciou: “Quando a tia me escuta, parece que o coração fica leve.” Essa fala revela que a escuta transcende a dimensão cognitiva, funcionando também como gesto de cuidado, reconhecimento e valorização da criança, fortalecendo autoestima e senso de pertencimento.

Atividades de reconto de histórias demonstraram a relevância da escuta no desenvolvimento da oralidade, da escrita e da imaginação. Ao narrar os contos com suas próprias palavras, as crianças manifestaram maior segurança e autonomia, corroborando as ideias de Vygotsky (2001), segundo as quais a interação social potencializa o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e favorece a construção coletiva do conhecimento.

A escuta ativa também se mostrou estratégica para o aprimoramento das práticas pedagógicas. A observação detalhada de gestos, expressões e falas permitiu às bolsistas compreender os modos de aprender de cada criança, identificar dificuldades individuais e ajustar o



planejamento de atividades de forma mais eficiente. A ação docente passou a ser intencional, sensível às necessidades da turma, fortalecendo o vínculo pedagógico e respeitando o ritmo de aprendizagem de cada estudante, em consonância com Freire (1996), que entende o ensino como responsabilidade compartilhada.

Além disso, verificou-se transformação significativa na postura das bolsistas enquanto futuras docentes. A experiência no PIBID proporcionou um processo formativo pautado na reflexão crítica, empatia e sensibilidade, favorecendo a compreensão dos tempos e modos de aprender das crianças. A escuta sensível, portanto, beneficiou simultaneamente alunos, professoras e bolsistas, promovendo desenvolvimento socioemocional, ética profissional e humildade pedagógica.

As observações registradas em diários de campo evidenciaram, ao final do período, maior engajamento dos alunos nas atividades, autonomia na resolução de conflitos, capacidade de cooperação e fortalecimento do sentimento de pertencimento. O ambiente de sala passou a refletir uma atmosfera de diálogo, respeito e colaboração, evidenciando que a escuta sensível cria condições para aprendizagens significativas e relações saudáveis entre todos os atores da comunidade escolar. Conforme Rogers (1983), ouvir genuinamente é um ato de presença, respeito e confiança no potencial do outro, transformando a docência em prática de acolhimento, atenção e humanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a escuta sensível é dimensão central da mediação docente, especialmente no 1º ano do Ensino Fundamental, etapa em que a formação afetiva, social e cognitiva das crianças deve ser igualmente priorizada. No contexto do PIBID, essa prática proporcionou uma oportunidade singular de crescimento pessoal e profissional, permitindo às bolsistas vivenciarem a docência em sua dimensão mais profunda, educando com empatia, atenção e sensibilidade. A experiência na Escola Municipal Vilma Brito Sarmiento evidenciou que ouvir as crianças significa reconhecê-las como sujeitos de direitos, com saberes e experiências próprias, capazes de contribuir ativamente para o processo de aprendizagem. Quando o professor se dispõe a escutar de forma genuína, estabelece relação pedagógica horizontal, na qual o aluno deixa de ser mero receptor de informações e passa a assumir papel protagonista em sua construção do conhecimento, alinhando-se aos princípios freireanos do diálogo como instrumento de libertação e construção coletiva do saber (FREIRE, 1996).

A escuta sensível ainda possibilita compreender o contexto social, emocional e cultural das crianças, especialmente em realidades marcadas pela vulnerabilidade, configurando-se como ato ético e político que promove inclusão, autoestima e pertencimento. Observou-se que, ao perceberem que suas vozes eram ouvidas e valorizadas, as crianças apresentaram maior segurança, engajamento e participação nas atividades, reforçando a escuta como ferramenta formativa e humanizadora.



O PIBID, nesse sentido, desempenha papel fundamental ao oferecer experiências que aproximam teoria e prática, estimulando reflexões sobre metodologias inovadoras, críticas e sensíveis às necessidades das crianças. A vivência reforçou a necessidade de compreender a escuta como postura contínua do professor, que extrapola o estágio e se incorpora à prática cotidiana, orientando a mediação pedagógica com atenção, cuidado e respeito às singularidades de cada aluno.

Sugere-se que futuras pesquisas explorem a aplicação da escuta sensível em diferentes contextos educativos, investigando suas contribuições para alfabetização, inclusão e desenvolvimento socioemocional, ampliando possibilidades para uma escola mais democrática, afetiva e justa. Em síntese, a escuta sensível, no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental mediado pelo PIBID, reafirma que ser professor é, acima de tudo, ser ouvinte atento, capaz de acolher, compreender e valorizar os sujeitos da aprendizagem, transformando a escola em espaço de diálogo, cuidado, respeito e humanização, e consolidando a prática docente como instrumento de formação integral e desenvolvimento humano.



REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio Roberto et al. Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 set. 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROGERS, Carl. Um jeito de ser. São Paulo: EPU, 1983.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA, Larissa Monique de Souza (org.). Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

